ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

CAPITÃO RODRIGO CAMBARÁ ATRAVESSA O PORTAL - ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA

Captain Rodrigo Cambará crosses the portal - between literature and history

Dóris Helena Soares da Silva Giacomolli [i]
Universidade Federal de Pelotas

Resumo: A distinção entre história e ficção é imprecisa. A literatura pode apresentar narrativas de ficção como se fossem reais, trazendo personagens verdadeiros para a ficção literária. Há semelhanças entre a narrativa histórica e o relato ficcional uma vez que os dois discursos estruturam-se da mesma maneira e da mesma maneira lhes é dado sentido. White (1995) estabelece uma estreita relação entre historiografia, literatura e textos de ficção. Ao ser possível que um personagem histórico vá ao mundo fictício, torna-se possível o contrário. E foi o que aconteceu quando a figura do gaúcho, ser mitológico e herói, passou ao imaginário popular, não como o homem de ontem, tal qual era, roto e maltrapilho, ladrão de cavalos, mas um ser ideal que viesse materializar a necessidade de uma identidade a ser construída da qual possamos nos orgulhar. A imagem do gaúcho se construiu com a ajuda de um personagem literário, Rodrigo Cambará, que se instalou no imaginário do povo gaúcho. O Capitão emprestou sua identidade aos gaúchos que optaram por imprimir sua imagem à imagem de um ser quase mitológico. Da arte, formou-se a vida. A literatura e a nostalgia fabricaram o respeito que o gaúcho queria para si. Os rio-grandenses preferiram a sua história contada por Erico Verissimo em vez de por historiadores.

Palavras-chave: Rodrigo Cambará. História. Literatura.

Abstract: The distinction between history and fiction is blurred. Literature can present fiction narratives as if they were real, bringing real characters for literary fiction. There are similarities between the historical narrative and fictional story since the two speeches are structured the same way and equally they are given meaning. White (1995) establishes a close relationship between historiography, literature and fiction texts. Being possible that a historical figure go to fictional world, the opposite becomes possible as well. It was what happened to the figure of gaucho, a mythological hero who entered the popular imagination, not as a man from yesterday, as it was, shabby and ragged, a horse thief, but an ideal human being that could materialize the necessity of an identity to be constructed, whom we could be proud of. This gaucho's image was constructed with the help of a literary character; Rodrigo Cambará, who settled in gaucho people's minds. The Captain lent his identity to gauchos, who chose to print their images over the image of an almost mythological being. From art the life was formed. Literature and nostalgia made the respect that gauchos wanted to themselves. The riograndenses preferred their story told by Erico Verissimo rather than by historians.

Keywords: Rodrigo Cambará. History. Literature.

> Os brasileiros não se conceberiam se não fossem, por exemplo, os gaúchos. Ficariam bestificados se alguém contasse de boca aquelas coisas que o Érico Veríssimo contou. Nos livros dele, o gaúcho se vê gloriosamente, isso é formidável. (RIBEIRO, 1996).

Hayden White (1995) concebe a história como ficção, um discurso narrativo em prosa que combina acontecimentos presumivelmente ocorridos no passado; à história carece cada vez mais debater o que é histórico, de modo que:

> [...] enquanto um historiador pode entender que é sua tarefa reevocar, de maneira lírica ou poética, o 'espírito' de uma época passada, outro pode presumir que lhe cabe sondar o que há por trás dos acontecimentos a fim de revelar as 'leis' ou os 'princípios' de que o 'espírito' de uma determinada época é apenas uma manifestação ou forma fenomênica. Ou, para registrar uma outra diferença fundamental, alguns historiadores concebem sua obra primordialmente como uma contribuição para a iluminação de problemas e conflitos sociais existentes, enquanto outros se inclinam para suprimir tais preocupações presentistas e tentam determinar em que medida um dado período do passado difere do seu, no que parece ser um estado de espírito bem próximo daquele do 'antiquário' (WHITE, 1995, p. 20)

A distinção entre história e ficção é imprecisa. A literatura apresenta narrativas de ficção como se fossem reais, trazendo personagens verdadeiros para a ficção literária, o peso dos fatos históricos para dentro da representação, fazendo do legítimo uma mentira verossímel. Hayden White (1994), em *O texto histórico como Artefato Literário*, afirma que há semelhanças entre a narrativa histórica e o relato ficcional, uma vez que os dois discursos se estruturam da mesma maneira, e da mesma maneira lhes é dado sentido. Ele estabelece uma estreita relação entre historiografia, literatura e textos de ficção, aproximando fatos reais e imaginados. White (1994) considera que o status da narrativa histórica passa despercebido pelos filósofos e historiadores e escreve sobre a relação entre História e Literatura, salientando que definir as relações da história com as outras disciplinas tem sido a preocupação de filósofos no último quarto de século. O autor afirma que narrativas históricas são ficções verbais com conteúdos inventados que se juntam aos conteúdos descobertos e têm, por isso, mais semelhanças com a literatura do que com quaisquer outras ciências. Hayden White (1994) enfatiza que não é de toda narrativa que a história se aproxima, mas apenas da narrativa literária:

> Houve uma relutância em considerar narrativas históricas como aquilo que elas realmente são: ficções verbais cujos conteúdos são tanto inventados quanto descobertos e cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências (WHITE, 1994, p. 98)

O discurso histórico não se opõe radicalmente ao discurso mítico, porque o discurso do historiador é formado por mitos. Ao decifrar as suas fontes, o historiador pode usar sua imaginação e criar histórias, a partir delas. Ele tem liberdade de construir significados para preencher algumas lacunas deixadas em aberto por falta de algumas informações, alguns detalhes. O historiador também pode interpretar e dialogar com as fontes e evidências, de acordo com sua própria interpretação e assim, define qual é a história que quer escrever, dando-lhe uma versão plausível. A história que o historiador decide contar pode não ser a *pura verdade* sobre o fato, já que não existe uma verdade *permanente* no discurso do historiador; o narrador vai nomear qual a versão que vai escrever. Um mesmo episódio pode ser contado de várias formas e possuir sentidos diferentes, sentidos estes que serão instituídos pelo historiador de acordo com seu diálogo com a fonte. O historiador carrega a história que quer contar com elementos e eventos aos quais ele pretende dar sentido por meio de sua narrativa para a interpretação do leitor. Para White (1994), o historiador não deve apenas analisar o passado, criando explicações que sirvam como modelos de fatos, mas também tratá-las como metáforas que expliquem e exemplifiquem as semelhanças entre elas e o que é aceito pela cultura vigente. Ele assegura:

> [...] as narrativas históricas são não apenas modelos de acontecimentos e processos passados, mas também afirmações metafóricas que sugerem uma relação de similitude entre esses acontecimentos e processos e os tipos de estória que convencionalmente utilizamos para conferir aos acontecimentos de nossas vidas significados culturalmente sancionados (WHITE, 1995, p. 105).

As narrativas históricas servem para descrever um acontecimento e caracterizá-lo, mas também são mediadoras entre o acontecimento relatado e a estrutura do que é narrado, já que dotam de sentido o fato, o acontecimento. De acordo com White (1994), a relação entre História e Literatura se dá pois ambas possuem interesse mais no "possível" que no "real". Partindo da ideia de autor, a história não se aproxima das ciências naturais pela falta de rigor em seus conceitos e pelo fracasso das tentativas em criar leis universais.

A literatura, tanto quanto a história:

> [...] se desenvolve por meio de produção de clássicos, cuja natureza é tal que não podemos invalidá-los nem negá-los, a exemplo dos principais esquemas conceituais das ciências. É o seu caráter de não- invalidação que atesta a natureza

> essencialmente literária dos clássicos históricos (WHITE, 1994, p.106).

A história pode ser lida como uma metáfora dos acontecimentos:

> As histórias nunca devem ser lidas como signos inequívocos dos acontecimentos que relatam, mas antes como estruturas simbólicas, metáforas de longo alcance, que 'comparam' os acontecimentos nelas expostos a alguma forma com que já estamos familiarizados em nossa cultura literária (WHITE, 1994, p. 108).
> Ao fazer a historiografia recuar uma vez mais até a sua íntima conexão com a sua base literária, não devemos estar apenas nos resguardando contra distorções simplesmente ideológicas; devemos fazê-lo no intuito de chegar àquela 'teoria' da história sem a qual não se pode de maneira alguma considerá-la 'disciplina' (WHITE, 1994, p. 116).

Havendo um diálogo entre a literatura e a história que apague as possíveis e frágeis fronteiras entre as duas, é possível deixar passar personagens fictícios para o mundo real, pelo mesmo caminho que tantos personagens históricos passaram à literatura. Ao ser possível que um personagem histórico vá ao mundo fictício, torna-se possível o contrário e, fazendo esse caminho inverso, levariam com eles o tempo, os vestígios e artefatos históricos. Na diegese, todos esses personagens se encontram, reais e irreais, e convivem fraternalmente, em tão completa verossimilhança e harmonia que não se percebe diferenças entre eles, não se distingue quem é um, quem é outro. Quase sem delimitações, os personagens históricos passaram a habitar o mundo fictício. A passagem de personagens históricos pelas brumas que separam o real do imaginado pela literatura se dá por uma linha muito fina entre o mundo histórico e o ficcional; personagens da literatura podem, por conseguinte, atravessar para o campo histórico e lá habitar, passando a existir numa espécie de amálgama com a população deste lugar, emergindo uma interação entre ambos. É quase imperceptível, tanto que se pode confundir o ser histórico que viveu e fez sua história com o personagem que passou pelo crivo de um escritor, que, ao escrever, modificou-o, deu-lhe novas características e pensamentos, acrescentou-lhe qualidades ou defeitos, transformando-o em personagem de ficção.

Uma vez que os limites entre as fronteiras da literatura e da história foram encurtadas, se não abolidas, tornando-se imprecisas, indefinidas e inexatas, um portal foi aberto para deixar as duas narrativas tão próximas que o trânsito de personagens foi permitido. Foi o que aconteceu quando a

figura do gaúcho passou ao imaginário popular, não como o homem de ontem, tal qual era, roto e maltrapilho, ladrão de cavalos, mas adquirindo uma imagem idealizada. O gaúcho, originariamente, era um andarilho que roubava os grandes estancieiros, matando o gado destes, tirando o couro dos animais para vender longe dali. Não foi pura coincidência que o *gauche*, transformou-se no *monarca das coxilhas*, nem foi por acaso que *gaucho*, uma palavra que era um xingamento, numa mudança semântica, tornou-se sinônimo de guerreiro e de valente e passou a ser usado com orgulho pelo povo rio-grandense. Este que corria eguada, que era um vagabundo, ladrão de campo, despossuído, guarda algumas semelhanças com o herói, o mito das antigas epopeias, ou com o herói romântico, viril e forte ou até mesmo com os centauros, seres mitológicos, bravios, metade homem, metade cavalo, símbolos da mesma força bruta que se atribui ao gaúcho.

Aquele homem que se fundia com o cavalo, que andava quase que ao acaso nas campinas geladas, que se vergava diante da força maior do minuano* e que morria em guerras pelas fronteiras, não guarda semelhanças com o personagem de Erico Veríssimo (1995), Rodrigo Cambará: era este ideal que o gaúcho decidiu ser. Se por um lado ele agrupa todos esses elementos clássicos que compõem com perfeição uma saga heroica, representando a condição humana, complexa, com valores éticos extremistas, por outro lado este personagem transcende esta mesma condição humana na medida que apresenta facetas e virtudes difíceis de serem atingidas pelo homem comum, porque as mescla com a selvageria dos centauros, a força cega, a insensatez e a vivacidade dos seres mitológicos. Lya Luft (1999) assim se refere ao Capitão Rodrigo Cambará:

> 'Capitão', como sempre o chamei, foi um dos meus primeiros amores, dessas inquietações adolescentes que vislumbram futuros de encantamento e susto [...] O Capitão inaugurou a minha adolescência. Um dos meus tantos secretos amores que me fazia sentir bela, poderosa, desejada e sábia. [...] Devo ao Erico e ao meu Capitão uma boa parcela dessa consciência de que sou tanto mais brasileira quanto mais gaúcha for. Com aquele Rodrigo sem eira nem beira, sem origem nem grande futuro, belo como um deus pagão, ousado como um arcanjo de punhal na cintura, mulherengo mas terno, patriota e libertário mas irresponsável, entrava em minha vida uma versão marcante do masculino desta minha terra. Ele parecia em arte confirmar as frases murmuradas por velhas mulheres: 'homem não presta', 'Homem é tudo igual', Os homens só precisam se limpar, as mulheres ficam com os problemas'. Talvez o meu

* Vento minuano ou simplesmente minuano é o nome dado à corrente de ar que tipicamente acomete os estados brasileiros de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do sul.

> Capitão fosse tudo isso. Mas era também promessa de aventura e audácia extremamente sedutoras... e como o amei com sua inquieta liberdade, e como sofri com Bibiana os abandonos e as solidões e o seu amor. Muita perplexidade me causou o belo Capitão (LUFT, 1999).

Assim, ele veio se instalar no imaginário do povo gaúcho. Veio por ser desejado. Veio enquanto ideal de identidade deste povo. Pela recepção e acolhimento dos leitores riograndenses, pode-se dizer que eles preferiram sua história contada por Erico Verissimo em vez de por historiadores. Eles optaram por imprimir a imagem de um guerreiro, como personagem formadora de sua identidade. Rodrigo Cambará, personagem literário, como tantos outros em nossa literatura, emprestou suas ações e qualidades para engrandecer um povo. E por que não? Por que ter como arquétipos párias e bandidos se há possibilidades de, por atavismo, evocar a lembrança de um antepassado como Capitão Rodrigo Cambará?

Assim, em outubro de 1828, com um lenço encarnado no pescoço, Rodrigo Cambará chega em Santa Fé, nos pampas gaúchos: "um dia chegou a cavalo, vindo ninguém sabia de onde, com o chapéu de barbicacho puxado para a nuca, a bela cabeça de macho altivamente erguida." (VERÍSSIMO, 1995) Chegou risonho, debochado, procurando pouso. Tinha andado por muitas guerras atrás de seu destino, morrer jovem, guerreando. Desde pequeno, ouve acerca deste seu destino, afinal, "só arvore é que pega raiz no chão!" Neste aspecto guerreiro, pode ser comparado a Alexandre, o Grande, a Aquiles e a muitos outros heróis que acreditavam que só nas guerras se pode achar um sentido para a existência. Se Alexandre remete a um personagem histórico, igualmente é o personagem de Virginia Lefréve e poderiam ter sido conterrâneos de Aquiles, se a geografia e o calendário também os houvesse aproximado ou se um escritor os tivesse escolhido para compor seu espaço diegético. Rodrigo nasceu, à semelhança desses heróis clássicos, em contextos conturbados, e luta para estabelecer novos contextos e estabelecer novas ordens. E assim como muitos heróis, seu caráter possui grandes marcas de moral, suas qualidades e defeitos fazem dele um personagem complexo e fascinante para quem a domesticidade e o cotidiano são os maiores inimigos. Tinha medo de perder a energia, ficar gordo e molenga, deteriorar-se. Não fora feito para aquilo, sentia falta das guerras, que foram feitas para divertir os homens, e também para matar os homens, para que estes não tivessem que morrer de velhice. Sem as guerras tudo ficaria enjoado. Rodrigo tentou mudar a vida, acomodá-la, transfigurá-la, mas tornou-se irrequieto, irritadiço. A vida sedentária, atrás de um balcão

começava a entediá-lo, a fazê-lo desejar montar a cavalo e sair para o mundo.

> Abriu a boca num bocejo. E de repente quase num susto - sentiu-se mais gordo, menos enérgico, um pouco molenga. Fazia tempo que não brigava, que não se movimentava. Aquela vida de balcão, que lhe enferrujava os membros, era de matar um cristão de aborrecimento (VERÍSSIMO, 1995, p. 289).

Para esses personagens de pensamento libertário, imbuídos de bravura e generosidade, o dia-a-dia cotidiano fazia mal:

> Acabava também com a velhice.
> Acabava?
> - Quero dizer, ninguém envelhecia mais...
> - Nem morria?
> - Morrer... morria. Mas se morria era de desastre, nos duelos, nas guerras (VERÍSSIMO, 1995,p.269).

Em épocas de paz, Rodrigo Cambará ficava meio sem jeito, enfastiado, porque não é homem para viver no marasmo e odeia o tédio porque crescera brigando e correndo mundo. A paz traz um mal-estar ao Capitão, ao lembrá-lo da precariedade da existência, na qual se envelhece, cria-se barriga e morre-se, deitado, de doença. Esses eram os medos de Rodrigo. A vida cotidiana também o faz lembrar-se da mediocridade e pequenez da vida, cuja finitude pretende ultrapassar, ao pretender "morrer peleando": "O homem simplesmente andava desinquieto, irritadiço. Tudo indicava que aquela vida sedentária, atrás dum balcão, começava a entediá-lo." (VERÍSSIMO, 1995, p. 268). Carregava uma inquietação consigo, uma sensação de que, no futuro, na guerra, estão concentradas todas as soluções, todas as certezas, todas as aventuras.

> Vosmecê não ia também acabar com as guerras?
> Rodrigo por instante pareceu confuso.
> Depois respondeu, lento: - Bom... Acabar de todo, não acabava.
> - Porque guerra é divertimento de homem. Sem uma guerrinha de vez em quando ficava tudo muito enjoado (VERÍSSIMO, 1995, p. 269).

Pólvora e sangue eram odores conhecidos, dos quais suas narinas estavam impregnadas. Ao conhecer Bibiana, pensa pela primeira vez em casar e ter família, viver calmamente, um dia depois do outro por anos intermináveis, deixar-se ficar, assentar raízes. Indomado e livre como um Ulisses, galopava por tudo metido em correrias e aventuras mil, sem mais

achar ancoradouro até que veio parar em Santa Fé e achou Bibiana para ser sua Penélope e esperar por ele, não bordando, mas tecendo em sua roca... Decidia que já estava cansado de guerras e andanças e que já era tempo de sentar e cuidar do futuro. Qual homem que não pensa, uma vez ou outra, em enganar as Parcas, ainda mais se considerar que fiaram um tecido muito curto?

A maioria das pessoas vive mediocremente, contentando-se com a monotonia, esperando espichar o tempo, agarrados à vida, sem saber o que esperar dela e sem nunca aspirar a muita coisa. Pode nunca ter uma noção clara de suas vidas, de suas metas e nunca descobrir por que está neste mundo, o que realmente quer fazer. Rodrigo sabia. Sabia que não tolerava injustiça, sabia que o mundo era governado pelos fortes, que os pobres podem ser explorados só pelo fato de serem pobres, que podem ter que ser defendidos, que era um soldado, e que gostava de guerras. Quando esta veio, correu para ela como quem vai a uma festa, louco de contente. Nenhuma pessoa foge do seu destino e Rodrigo não fugiu. Inquieto, desatento, com ânsia de guerrear, foi achar seu destino. Poderia ter esperado a rendição, poderia ter se resguardado, mas pulou a janela e levou o tiro no peito. É na iminência da morte que se reconhece um herói, porque este sabe como enfrentá-la:

> Heróis expõem-se a perigos mortais em sua busca pela imortalidade [...] seres excepcionais cuja grandeza os eleva acima da massa indistinta, que transcendem sua natureza física lamentavelmente efêmera e escapam à foice do tempo. É sua morte que torna essa grandeza manifesta. Heróis mortos escapam à degeneração que aguarda o resto de nós" (HUGHES-HALLET, 2007 p. 24)

Quem, ao poder escolher se prefere ter como lembrança um antepassado esfarrapado ou um Rodrigo Cambará, não escolheria ter este último como gerador de sua casta, um defensor dos fracos, ainda que fosse para abafar um não sei que no peito que vai ao encontro a um não sei qual destino? Assim disse Lya Luft (1999): "podemos ser e não ser um desses personagens; nada temos a ver com eles, mas de repente vem essa fulgurante certeza: claro que sou isso, eu sou assim, ou seria, se minha circunstância fosse igual".

Érico diz que o Capitão Rodrigo foi uma ideia, surgiu de uma mistura de características que juntas sintetizassem um símbolo do gaúcho. Se essa foi a intenção de Erico, ela concretizou-se. Rodrigo Cambará é o símbolo do gaúcho. Impossível, dito de outra foram, não vislumbrar que, com a ajuda deste personagem (o mesmo pode ser dito, igualmente, de

outros personagens da literatura Rio-grandense) o gaúcho passou a ser visto com outros olhos, como aquele que defendia suas fronteiras e sua terra a todo custo, com suor e sangue e até mesmo a vida:

> Quando e como nasceu o Capitão Rodrigo Cambará? Eu mentiria se respondesse com certeza a essa pergunta. [...] A palavra gaúcho está associada em nosso espírito a termos como macho, bravo, violento, mulherengo, aventureiro, nobre, generoso...Talvez eu não esteja muito longe da verdade, se disser que, antes de ter um corpo e nome, o Capitão Rodrigo Cambará era uma ideia no meu cérebro – de certo modo **o símbolo duma rude estirpe e duma era áspera**. (VERISSIMO, 1980, p. 296, grifo nosso)

Luiz Marobin (1985, p. 38) assim define o que significa mito: "Mito vem de Mythos, fabulação de algo maravilhoso [...] é uma irupção do sobrenatural. Ou encarnação, personificação de forças misteriosas da natureza." Os mitos e lendas de uma terra servem à literatura e a literatura se serve deles para criar personagens. Depois esses personagens ajudam a fortalecer e a fomentar de maneira mais expressiva: "formam um lençol arquétipo, do qual os escritores retiram importantes estratos de suas narrativas e fabulações" e entre o que é mito e o que é realidade se "revelam surpreendentes analogias" (Marobin, 1985, p. 40) e ajudam a formar a história do Rio Grande do Sul:

> Em termos concretos, a literatura do Rio Grande do Sul não é nem história, nem pura fantasia. No entanto, a realidade gaúcha e o mundo imaginário, supra-real não estão alheios nas letras dos pampas. No começo era o mito [...] Por fim a encarnação, a personificação, o mito, e naturalmente a literariedade. (MAROBIN, 1985, p. 40- 41)

Sim, o Capitão Rodrigo Cambará é a síntese do gaúcho com sua aura mitológica. Ele é como muitos gaúchos querem ser descritos, ou descreverem-se: claro que sou isso, eu sou assim: macho, bravo, aventureiro, libertário, generoso. Sou herói, na medida que a acepção da palavra significa morrer jovem, bravamente, em luta. Também tenho defeitos, porque nós humanos também somos assim, temos desejos egoístas e inconfessáveis. A escolha do personagem Capitão Rodrigo Cambará deve-se ao fato de ele ser uma das figuras que mais se aproxima desse ideal heroico pelo seu lado mitológico em contradição com seu lado humano e cheio de fraquezas, sua risada, seu amor pela vida, muito próximo da realidade. Ele encarnou o código de honra do gaúcho, mediante os atributos de coragem, impetuosidade, machismo, violência

física e um relativo conceito de moral. Então, porque não poderíamos trazer um personagem literário para dentro da realidade? A vida fez-se arte. Sentindo-se provocada, a arte fez-se vida.

Referências

HUGHES-HALLET, Lucy. *Heróis, salvadores, traidores e super-homens*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

LEFRÉVE, Virgínia, *O príncipe invencível*. Ed. Do Brasil, 1985.

LUFT, Lya. *Capitão Rodrigo. Zero Hora*, 25 set. 1999.

MAROBIN, Luiz. A literatura no Rio Grande do Sul: aspectos temáticos e estéticos. São Leopoldo: UNISINOS, 1985

MELO, José L. de. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1995. p. 17-56.

RIBEIRO, Darcy. Erico Verissimo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24 fev. 1996.

VERÍSSÍMO, Érico. *Um certo capitão Rodrigo*. São Paulo: Editora Globo S.A,1995

VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta* 14ª edição. TOMO I, Editora Globo S.A.,1980

WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX.*), São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

WHITE, Hayden. *O texto histórico como artefato literário*. São Paulo: EDUSP,1994

[i] E-mail da autora: dorishssg@gmail.com